

## OS MESSIAS SECULARES

A conjectura que venho propor nestas Conferências Massey é muito simples.

Na opinião de historiadores e sociólogos, pessoas que, apesar de tudo, são por vezes dignas de confiança, observa-se um claro declínio no papel desempenhado pelos sistemas religiosos formais, pelas igrejas, na sociedade ocidental.

As origens e causas deste declínio podem ser datadas e discutidas de várias formas, como, claro, tem sido o caso. Alguns situam-nas na ascensão do racionalismo científico durante o Renascimento. Outros atribuem-nas ao cepticismo e à secularidade explícita do Iluminismo, com os seus comentários irónicos à superstição de todas as igrejas. Outros ainda consideram que foram o darwinismo e a tecnologia moderna da revolução industrial que tornaram tão obsoletas as crenças sistemáticas, a teologia sistemática e a antiga centralidade das igrejas. O fenómeno em si, porém, não levanta dúvidas. Gradualmente, por estas razões muito complicadas e diversas, as fés cristãs (permitam-me que sublinhe este plural), que haviam organiza-

do tanta da nossa visão ocidental da identidade humana e da nossa função no mundo, cujas práticas e simbolismo haviam profundamente impregnado as nossas vidas quotidianas desde o fim do mundo romano e helénico, deixaram de exercer domínio sobre a sensibilidade e existência quotidiana. Em maior ou menor grau, o núcleo religioso do indivíduo e da comunidade foi degenerando até se transformar numa convenção social. Tornou-se uma espécie de cortesia, um conjunto de reflexos ocasionais ou superficiais. Para a grande maioria dos homens e mulheres pensantes — mesmo que continuassem a frequentar a igreja — as fontes de vida da teologia, de uma convicção doutrinária sistemática, haviam secado.

Esta secagem, que afectava o próprio centro da moral e intelectualidade ocidentais, deixou atrás de si um enorme vazio. Onde existe um vácuo, manifestam-se novas energias e substitutos. A menos que a minha leitura dos dados esteja incorrecta, a história política e filosófica do Ocidente ao longo dos últimos 150 anos poderá ser vista como uma série de tentativas — mais ou menos conscientes, mais ou menos sistemáticas, mais ou menos violentas — de preenchimento do vazio central deixado pela erosão da teologia. Esta lacuna, esta escuridão central, era a da «morte de Deus» (não esquecer que o tom irónico e trágico que Nietzsche dava ao seu uso dessa famosa expressão tem sido muitas vezes mal compreendido). Mas acho que podemos exprimi-la em termos mais exactos: a decadência de uma doutrina cristã abrangente deixou em desordem, ou em branco, percepções essenciais de justiça social, do significado da história humana, das relações entre a mente e o corpo, da posição do conhecimento na nossa conduta moral.

São essas questões, de cuja formulação e resolução depende a coerência da sociedade e da vida individual, que as grandes «antiteologias», as «meta-religiões» dos séculos XIX e XX,

procuram tratar. Estes termos são muito desajeitados e peço desculpa por os utilizar. «Meta-religião», «antiteologia», «crença substituta» — etiquetas desajeitadas, mas também úteis. Permitam-me que, durante estas cinco conferências, tente juntá-las sob um termo geral. Desejo propor-vos a palavra «mitologia».

Para merecer o estatuto de mitologia, no sentido que tentarei dar-lhe, uma doutrina ou sistema de pensamento de natureza social, psicológica ou espiritual deverá satisfazer certas condições. Vejamos quais são. O sistema de pensamento deve ter pretensões de totalidade. Isto parece muito simplista, e de certa forma é. Tentarei aclarar a ideia. Que queremos dizer com isto de um sistema ser total? Que deverá afirmar que a sua análise da condição humana — da nossa história, do sentido da vossa e da minha vida, das nossas outras expectativas — é uma análise total. Uma mitologia, neste sentido, é uma imagem completa do «homem no mundo».

Este critério de totalidade tem uma consequência muito importante. Permite, convida mesmo, se a mitologia for honesta e séria, a que se tente refutá-la ou falsificá-la. Um sistema total, uma explicação total, cai por terra quando e onde for possível apresentar-se uma exceção substancial, um contra-exemplo realmente poderoso. De nada serve tentar remendar um cantinho aqui ou pôr ali um pouco de cola ou guita. A construção desaba se não for um todo. Caso algum dos mistérios centrais e sacramentais do Cristianismo ou da vida de Cristo fosse completamente desmentido, de nada serviria tentar fazer uma reparação rápida num canto da estrutura.

Em segundo lugar, uma mitologia, no sentido que estou a dar à palavra, terá certas formas muito facilmente identificáveis de começar e desenvolver-se. Terá ocorrido um momento de revelação ou diagnóstico súbito, de onde nasce todo o

sistema. Este momento e a história da visão profética serão preservados numa série de textos canônicos. Os que se interessam pelo movimento Mórmon reconhecerão facilmente a minha imagem: um anjo aparece ao fundador de todo o movimento e dá-lhe as famosas placas de ouro, ou a lei mosaica. Há um grupo original de discípulos, em contacto directo com o mestre, com o génio do fundador. Em breve, alguns destes discípulos cairão em heresia e afastar-se-ão. Produzirão mitologias rivais ou submitologias. Agora, observem algo muito importante. Os ortodoxos do grande movimento odiarão esses hereges e persegui-los-ão com uma raiva mais violenta que a que descarregam nos infiéis. Não temem os infiéis, mas sim os hereges dentro do seu movimento.

O terceiro critério para uma verdadeira mitologia é o mais difícil de definir, e peço-vos que tenham paciência comigo, pois espero que venha a ser confirmado por estas cinco conferências. Uma verdadeira mitologia desenvolve a sua própria linguagem, o seu próprio idioma característico, o seu próprio conjunto de imagens emblemáticas, insígnias, metáforas, cenários dramáticos. Gera um conjunto de mitos próprio. Representa o mundo por meio de certos gestos, rituais e símbolos fundamentais. À medida que avançarmos, creio que isto se tornará absolutamente claro.

Considerem agora os seguintes atributos: totalidade, termo que uso para designar a pretensão a explicar tudo; textos canônicos trazidos pelo génio fundador; ortodoxia opondo-se à heresia; metáforas, gestos e símbolos cruciais. Por certo já alcançaram o que procuro aqui formular. As grandes mitologias que têm vindo a ser construídas no Ocidente desde o início do século XIX não são apenas tentativas de preencher o vazio deixado pela decadência da teologia e do dogma cristãos. São, em si, uma espécie de *teologia substituta*. São sistemas de

crença e argumento que poderão ser selvaticamente anti-religiosos, postular um mundo sem Deus e negar uma vida depois da morte, mas cujas estruturas, aspirações e exigências feitas ao crente são profundamente religiosas na estratégia e nos efeitos. Por outras palavras, ao considerarmos o marxismo, ao apreciarmos os diagnósticos freudianos ou jungianos da consciência psicológica, ao examinarmos todos estes sistemas como mitologias, verificamos que todos eles são totais, canonicamente organizados, imagens simbólicas do significado do homem e da realidade. Ao reflectirmos sobre eles, neles reconheceremos não apenas negações da religião tradicional (afinal, cada um deles está a dizer-nos: vejam, já não precisamos da velha igreja — fora com o dogma, fora com a teologia), mas também sistemas que, a cada ponto decisivo, mostram sinais de um passado teológico.

Permitam-me que sublinhe esta afirmação. É, com efeito, o centro do que procuro dizer, e espero que esteja perfeitamente claro. Esses grandes movimentos, esses grandes gestos da imaginação que tentaram substituir a religião, especialmente o Cristianismo, no Ocidente, são muito semelhantes às igrejas e teologia que desejam substituir. Dir-se-ia, talvez, que, em qualquer grande luta, começamos a parecer-nos com o nosso oponente.

Esta é, claro, apenas uma forma de pensarmos os grandes movimentos filosóficos, políticos e antropológicos que agora dominam muito do nosso ambiente pessoal. Tanto o marxista convicto como o psicanalista praticante ou o antropólogo estrutural ficarão igualmente indignados com a ideia de que as suas convicções, as suas análises da situação humana são mitologias e construções alegóricas, derivadas directamente da mundivisão religiosa que procuraram substituir. Ficarão furiosos com tal ideia. E a sua ira justifica-se.